

### A MUDANÇA DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Dia 12 - 06 - 2011

QUE VONTADE DE CHORAR! O motivo era a descaracterização da Biblioteca Comunitária da Vila Dois Rios montada pela bibliotecária Janny Linhares, ali tinha a sua feição, que perde agora com a mudança do térreo para o primeiro andar do prédio da antiga Escola Estadual Padre Júlio Maria, a cargo da funcionária Sabrina do Projeto Eco-Museu. Para isso Sabrina, convocou no início da semana, toda a comunidade para pintar a nova sala, onde foi novamente instalada a Biblioteca. E, em seu lugar na sala do térreo, passa a funcionar uma oficina de artesanato. Que pelo visto parece ser inaugurada com o nome de "Sabrina" ou "Ricardo Lima". Enquanto que a Biblioteca aguarda a tão aclamada inauguração com o nome da sua fundadora "Janny Linhares Fortes", de alçada da Associação de Moradores, que nem se dá conta do fato, desta grande obra que merece uma linda homenagem à sua idealizadora. Que lutou com unhas e dentes pelo acervo. Assim como hoje, luta Sabrina, para fabricar artesanatos sob a coordenação de Ricardo. Uma extensão do projeto que nasceu na ponta da caneta de Myrian Sepúlveda – deixando uma vastidão escrita, em parte traçada as linhas gerais e a documentação num pequeno módulo implantado ali no espaço da antiga padaria da famosa prisão Cândido Mendes demolida por meio de implosão em 1994.

O trabalho da mudança da Biblioteca Comunitária começou pela pintura de uma sala. Que nunca a esqueci. Que emoção tive ao recordar a escola, as pessoas e uma infinidade de outras lembranças. naquela manhã de domingo, 12 de junho de 2011. Sorte de participar e ver como tudo aconteceu. Sorte de viver ainda na aurora

de Dois Rios que se mistura em mim. De lembrar da escola em dias assim, - cheia de criança. Uma memória misturada ao mutirão nos espaços das salas vazias, escuras e emaranhadas, na contradição lembrava-me a arrumação de uma classe, olhando os alunos nas cadeiras como gostaria?! Como gostaria de ouvir de novo ali uma palestra do Dr. Benzi! Que reunia num encontro, famílias da Vila para falar dos valores de relacionamento de casais. Eram dois dias, de palestras dele e da sua esposa. Havia nestes dias o almoço na escola com os casais participantes, todos ali reunidos e havia também, outros palestrantes sobre o tema familiar.

Na sala da diretora Deise e a das professoras tudo é ainda sinal de lembranças. Mas isto é um protesto muito complicado para atravessar essa história:

– Crianças corriam em volta da Júlio Maria e brincavam de afagos ao velho prédio.

– Sonhos plantados nos quatro cantos asseados do pátio quando era asseado.

Um vento sul, creio, invadiu agora o recinto pelas janelas abertas, a vista depara com a desordem do pátio e no meio da desordem um charco preto, com aspecto de mangue com o *cheiro do mundo, resultado inevitável de um atormentado esgoto* veio completar o quadro horrível.

E, agora? A biblioteca aqui encima, não entendo nada de ventos, e só reconheço o Sudoeste graças à poesia da Baía da Ilha Grande; respiro mais fundo para carregar caixas e mais caixas de livros, sem olhar para lado do esgoto: É o cheiro do charco minha gente! É o cheiro dos fundos da Escola!... Respirando mais fundo fui obrigado a sorri: Para não chamar a

atenção das pessoas para aquilo que ninguém gosta de ver ou sentir. Eita felicidade! Para que falar de lixo? Ali, naquela hora, não cabia o feio. O feio só do pátio. Além do pátio, lá longe, a vista é linda!...

No dia da pintura da sala atualmente da Biblioteca Comunitária reuniu jovens em ação bem dispostos, espátulas nas mãos, tinta, pincel em espaços calculados com cuidado entre os corpos de forma que todos mantivessem o seu espaço de trabalho entre si: raspando e pintando, pintando e limpando, trabalhando e falando. A criançada: raspava, limpava e pintavam as paredes. E em coro falavam. Os olhos vidrados, uma única intenção trabalhar para resolver o problema da Biblioteca, apesar de lá dentro da sala, ser possível se ver um brilho conhecido, um cheiro de infância misturado com o cheiro da tinta.

Somente uma menina se ligou nas muitas manchetes de jornal espalhados forrando o chão, entre os quase 12 jovens que estavam pintando as paredes ela desviou o olhar para ler um verbete contando histórias as de Manoel Bandeira. Não se importando muito com os papos que rolava ali, meio de enredo de novela que, trás sempre o contraste da beleza do reflexo de uma sociedade, na agonia do jovem atual, impulsionando a luta da liberdade.

Ninguém falava de livro, revista ou filme, para não perturba a ordem do serviço do dia e do ritmo da música que se ouvia com alguma expressão corporal moderna das baladas jovens. Também, nenhuma história de heroísmo que era muito curtida na faixa de adolescência do século passado. O modernismo tomou conta do jovem, não curte mais a leitura de gibis. O Batman, esse já foi para o bebeléu. Eram as boas histórias de desenho que se acompanhava antigamente. Nem as revistas são mais oferecidas, aos adolescentes, nela era curtida a morte do super-herói. Na conversa jovem não rola mais nada de Super-

Homem, o Capitão Mar-Vell que gritava "Shazam"! Robin, que já morreu, mas depois de morto voltou a aparecer protegendo a Mulher Invisível.

No lugar da morte do super-herói, ocupa comentários da Internet com estratégias de marketing. Centenas de histórias que podiam ser contadas já foram. Nestas alturas nem o The Comet se salva. Pois ele foi salvar o irmãozinho e morreu numa emboscada. Na época, isto é, no século passado, foi para a juventude uma surpresa geral. O desastre foi superado, porque, os leitores de gibis não foram prejudicados, o irmão desse super-herói resolveu vingar a morte do outro e se tornou o Vingador The Hangman. Bons tempos. Havia muitos super-heróis, não tantos como hoje, mas eles eram mais duros de matar. Hoje, não. Essas coisas não impressionam mais e se tornou tão banal como morte em tiroteio de favelas que algumas nem entram para estatísticas.

Naquela tarde na mudança da Biblioteca recordei todo o meu tempo de criança, adolescência e jovem. Até mesmo do resultado da postura dos hippies da década de 1970, depois do anúncio da Bossa Nova, impulsionada pela propagação de JK, o gargalhante dos tais anos dourados. A verdade é que, a realidade mesmo era outra, bem diferente da de hoje, era de uma dureza atroz. Hoje não existe mais meia verdade e nem meia liberdade. A liberdade atual é autêntica: Garotas e Garotos: Cada um andando com suas próprias pernas e curtindo punk.

O que significa o pátio, as ruas, o mato, o lixo que se forma com a folharada seca? Nada disso importa no mundo atual. Simplesmente significa que caminhar com essa situação todos os dias, vai formando trilhas por aí. Precisa ir tomando precauções. Saio de casa sem nada nas mãos, quero dizer, sem nada não, quase sempre levo papel, caneta e às vezes máquina fotográfica e volto de lá com as mãos cheias de histórias, que me torna um

escudo de alforria do presente, a de mim e a de todos nós.

Referente à Vila, quando lembro do seu passado, sou tomado por um assombro sem volta: A Escola Padre Júlio Maria a qual estamos aqui hoje, era estadual, que também já foi federal, quase militar, com certeza, omitia aos seus alunos a tortura da época, praticada na ditadura, e ensinava que o golpe ocorrido em 1964, foi uma revolução democrática; a censura à imprensa, necessária para o progresso; e as cassações políticas, uma resposta à intransigência da oposição. Esses assuntos eram temas de redação, para o jovem estudante das escolas mantidas pelo governo.

Não parava por aí; na fila cantava e no alto falante, ouvia os hinos. Pela manhã no pátio a uniformidade enfileirava e ia matando olhares aos poucos, sem saber do feio da história daquele tempo. A rotina dos adolescentes consistia em freqüentar a escola, implicar com o colega. E mais era pensar em gastar os trocados comprando mais um exemplar luminoso pra sua coleção de gibis e livros perdidos logo depois nas mãos dos colegas. Tudo isso mudava quando conhecia a primeira namorada (o).

Hoje para se enquadrar no movimento dos jovens, basta se liga num colega meio esquisito da classe metido a punk que, rejeita a idéia de trabalho e as convenções sociais. Adotar um novo visual andando meio anfíbio com umas botas, cabelo arrepiado, casaco de lee ou napa e nada de couro.

E aí vem a alegria de descobrir os novos hits musicais e de compartilhar uma amizade verdadeira, que muitas das vezes resulta em problemas familiares que aumentam. O perigo é radicalizar porque aí o moleque passar a viver como verdadeiro punk; desses que tem por aí sem família, sem casa e sem destino.

Cai na clandestinidade andando pra lá e pra cá nas ruas, nos trens, nos ônibus de

uma cidade a outra, enfrentando aliciadores de menores e traficantes, além da fome, do frio e da solidão.

Salve Deus durante um complicado percurso, se reconciliar com seus pais e descobrir que a vida de punk não tem consonância das músicas maneiras e o conforto das roupas.

Para fazer parte desse coro. Prefiro escrever para mostrar que é preciso enfrentar problemas sem fugas. E que por detrás dos movimentos e correntes sociais pode estar somente um jovem fã de punk o dos rock's.

Acreditar para poder olhar o futuro: meninas e meninos lendo na Biblioteca Comunitária depois da mudança um livro de Manuel Bandeira ou qualquer um das suas prediletas leituras. Ah, o cheiro do mundo! Revolução! Bossa Nova, Hippies, rock'n roll, punk! Democracia! ... Que vontade de chorar na escadaria da Biblioteca! Boa Sorte: Crianças, jovens adolescentes e adultos... Não concordamos, mas aceitamos a mudança da Biblioteca Comunitária. Obrigado Sabrina! Obrigado Professora Janny! Obrigado a todos vocês que me fizeram escrever estas páginas rústicas. Mas antes de tudo quero dizer que ainda não me conformei com a Biblioteca como está. Precisamos torná-la verdadeiramente comunitária, isto é, com acesso ao público em local bastante fácil, isto é o meu desejo. Ainda não foi feito por falta de recursos financeiros da comunidade, mas, continua sendo um projeto aguardando a implantação definitiva no âmbito da Associação de Moradores.

O assunto é biblioteca: sinto-me a vontade para dizer que um sábio reunindo livros num determinado lugar, nasceu um dia uma grande biblioteca ajudando os povos no início desta era, entre os anos 760 a 770. Este fato aconteceu na cidade da Paz, que mais tarde deu origem a cidade atual de Bagdá. O líder da comunidade daquela cidade tinha por habito guardar livros e textos que fossem

aparecendo por lá e iam sendo traduzidos para o árabe. Mas isso só foi possível se desenvolver, com a descoberta da fabricação de papel. E assim surgiu, talvez, a primeira biblioteca.

Com essa biblioteca o mundo se beneficiou adquirindo através dela a sabedoria que precisava através dos que ali trabalhavam para transmitir a cultura árabe do oriente para o ocidente, isto durou mais ou menos mil anos. Tudo teve início quando o rei al-Mansur descendente dos califas encomendou a construção de uma nova capital imperial para o povo dos abássidas, para ser uma cidade como nenhuma outra.

Para colocar em prática o projeto de construção da cidade, al-Mansur teve que consultar os astrólogos de confiança dele, o ex-zoroastria Nawbakht e Mashallah, um judeu de Basra convertido ao islamismo e naquele período era a principal pessoa das ciências dos juízos das estrelas. Eles depois de consultar os céus e declarar que 30 de julho de 762 seria certamente o dia mais auspicioso para o início dos trabalhos de construção da cidade. Ainda assim, al-Mansur duvidou, mas, mandou que os arquitetos naquele dia marcassem o traçado dos altos muros que seriam construídos ao redor da cidade planejada – então, um círculo perfeito foi feito, conforme os ensinamentos geométricos de Euclides, o adorado do califa al-Mansur. O círculo foi feito no chão, primeiro com cinzas e depois com sementes de algodão embebidas em náfta. Em seguida, pusera fogo na mistura para criar um contorno flamejante da assim inicialmente chamada Cidade Redonda ou Cidade da Paz, o centro geométrico da futura metrópole de al-Mansur. Por fim, ele exclamou a Deus: “Viverei nela a minha vida inteira e ela será o lar de meus descendentes; e sem dúvidas se tornará a cidade mais próspera do mundo”, declarou al-Mansur esta frase que em árabe significa “o vitorioso”. O povo celebrou conforme os costumes oficiais e conservou o nome do

antigo povoamento persa que existira no mesmo lugar: Bagdá.

A cidade evoluiu com as grandes tradições intelectuais, que ali foi surgindo, entorno da biblioteca, desenvolvendo algumas tecnologias. Uma delas foi a aquisição da fantástica tecnologia chinesa do papel, dando uma ajuda enorme às iniciativas intelectuais que começaram a tomar rumo na corte abássida. A tradição árabe contou com a participação de um prisioneiro de guerra de uma batalha travada em 751, em que as forças muçulmanas derrotaram decisivamente a dinastia Tang do oriente pelo controle do oeste turco da China. O prisioneiro trouxe a arte da fabricação do papel para a cidade que fundaria mais tarde, uma grande biblioteca. O prisioneiro era um chinês que ali ensinou a seus captores como produzir papel a partir do linho e de outros artefatos, que foram considerados, geralmente, o fluxo da tecnologia do papel que fluiu da China para a Ásia central e dali para os árabes. Uma história considerada bastante verdadeira. Não se pode afirmar que, tenha sido assim realmente, que, nasceu a biblioteca de al-Mansur, a invenção do papel e nem a fabricação de livros. Mas no mundo que estava dividido entre oriente e ocidente houve a interatividade intelectual a partir daquele feito. Não era mais do que uma sala com livros assim como esta que a Professora Janny Linhares fundou na Vila Dois Rios.

Até então, no ocidente os livros e mapas eram reproduzidos sobre peles de animais previamente esticadas, raspadas e depois secas, somente, muitos séculos mais tarde o ocidente veio substituí-los pelo papel. Eram caros e muito pesados. O papel substituiu tudo aquilo facilitando o intercâmbio da cultura do oriente para o ocidente, chegando inicialmente à Europa, proveniente de Bagdá, o coração do Iraque. Protegida pelos muros duplos e portões fortificados na margem ocidental do rio

Tigre. O líder resolveu transformar seus domínios dispares numa superpotência científica e garantir o futuro dos abássidas associando seu novo Estado às grandes tradições clássicas que existiram antes deles, quer dizer, sem abandonar a tradição passada.

Para acomodar a vasta escala do trabalho necessário para traduzir os livros, vamos dizer assim: antiquíssimos de a.C., copiar, estudar e guardar o volume cada vez mais crescente de textos persas e gregos, o líder al-Mansur criou uma Casa de tradução com suporte administrativo e auxílio financeiro para o pequeno exército de eruditos que assumiria essas tarefas e depois as usaria de forma criativa e original. Essa foi a origem da Casa que ficou conhecida como Tesouro da Sabedoria. Ela representava a expressão coletiva institucional e imperial da ambição intelectual e política oficial de Estado dos abássidas. Ao longo do tempo, esta instalação veio a abranger um escritório, um repositório de livros e uma academia que contava com eruditos e intelectuais de todo o império. Sua função principal, era a salvaguarda de conhecimento valioso. Fato que se refletia em outros termos do orgulho utilizado de vez em quando pelos historiadores árabes para descrever Tesouro da Sabedoria. Especialistas afiliados a essa instituição imperial constituíam a equipe do observatório do povo califa, e participavam também de experimentos científicos. Mas aquela biblioteca desempenhou mesmo foi um papel importante no cultivo de obras literárias de origem abássida.

Eram destinadas grandes quantias de fundos públicos ao Tesouro da Sabedoria, e a projetos de equipamento cultural e intelectual a ela relacionados. Até a guerra com outros povos e a diplomacia foram usados na busca de mais conhecimentos. Foram enviadas com freqüência delegações abássidas à cortes rivais como à superpotência de Bizâncio com finalidade

de pedir cópias de valiosos textos gregos. Obtendo com isso, obras de Platão, Aristóteles, Hipócrates, Galeno e Euclides. Conseguiram também um exemplar da obra-prima de astronomia de Ptolomeu, que logo ficou famosa entre os árabes e, mais tarde, entre os latinos com o título de Almagesto. Essas obras atendiam o pagamento das condições de acordos feito de paz entre as superpotências. Desta forma se vê o grande esforço que os sábios árabes eram capazes de empreender para obter materiais necessários, por exemplo: um manuscrito de medicina foi conseguido. E com o passar do tempo, fragmentos do manuscrito de medicina, foram se espalhando entre a Mesopotâmia, Síria, Palestina, Egito, chegando a Alexandria e Damasco.

Os califas e seus eruditos oficiais não eram os únicos por trás dessa campanha. Pois o esforço tornou-se uma característica integrante da própria sociedade abássida apoiada com entusiasmo pela elite social e política de príncipes e mercadores, banqueiros e oficiais militares. Às vezes as concubinas califanianas contratavam eruditos para traduções especializadas. Um colega de infância de al-Mansur, transformou seus conhecimentos astrológicos em vasto poder político e riqueza; mais tarde, teve três filhos que já eram os oitavos da dinastia abássida, este fizeram pesquisas em astronomia, matemática e engenharia e financiaram generosamente eruditos e tradutores.

Os tradutores e os intelectuais eram as classes mais importantes de avanço social, rompendo ainda mais o que restava da hierarquia tradicional árabe. Estimularam a competição por patrocínio, entre eruditos de diferentes tradições, principalmente árabe e persa. Este fenômeno garantiu a alta qualidade científica e literária das obras por vários séculos. Os tradutores mais capazes podiam ganhar enormes quantias de dinheiro por seus trabalhos, alguns deles ganhavam em ouro o pagamento

de cada manuscrito terminado, ou ganhavam altos cargos por conta de suas realizações intelectuais. Este apoio institucional dos abássidas ao talento de diverso erudito conseguiu aglutinar um poderoso movimento intelectual.

Ao longo de um século e meio, os árabes traduziram todos os livros gregos disponíveis de ciência e filosofia. O árabe substituiu o grego como língua universal da pesquisa científica. A educação superior ficou cada vez mais organizada já no início do século IX, e a maioria das principais cidades muçulmanas tinha algum tipo de universidade. Uma das universidades do complexo de al-Azhar, no Cairo, sediou a instrução por mais de mil anos ininterruptos. Os eruditos espalhados pelo império viajavam longas distâncias para estudar com os mestres mais famosos na al-Azhar. A viagem, o ganho de experiências e novas maneiras de pensar eram elementos importantes na educação de um erudito numa sociedade que tinha grande reverência pela palavra falada; como homem culto poderia encontrar seus colegas e debater face a face suas idéias ou recolher e fazer suas demonstrações na pedra negra.

O resultado disso tudo foi estrondoso: surgiu um posto comercial chamado Antioquia por perto das praias orientais do Mediterrâneo, corrupto e libidinoso. Lá se adorava banquetes, os homens eram escravos da gula por comidas e bebidas sedutoras; comia bem e vivia contrariando qualquer religião em troca da boa vida, cantada na prosa de Ovídio e Virgílio. As mulheres deleitavam-se em túnicas curtas escandalosas e enfeitavam-se com adornos indecorosos. Algumas, Gualter cita em sua lenda de viagem e estudo -, chegavam a

encomendar aos artesãos locais: cobertura cuidadosamente confeccionada em ouro árabe cravejado de pedras preciosas para suas partes íntimas, não para vestir a aparência de suas vergonhas ou para refrear a chamada da luxúria, mas para que aquilo que é proibido pudesse inflamar mais ainda as pessoas que não desejam prazeres decentes. Outras se prostituíam por esporte, aliciando os próprios amigos e vizinhos nas ruas da cidade.

Dois anos antes do fim da cidade de Antioquia, uma praga de gafanhotos desceu do céu, mas não conseguiu deter a onda de dissolução entre esses ocidentais recém-chegados ao oriente. Então, foi preciso a cidade ser sacudida por uma sucessão de tremor de terra como castigo, causando a destruição no silêncio da noite fechada, quando a fragilidade humana estava mais adequada e docemente acostumada ao sono. Antioquia sentiu a ira dos céus e a cidade virou um cenário de destruição, muitos dos habitantes morreram nas próprias casas e outros aterrorizados abandonaram seus lares, desprezaram suas riquezas, deixaram tudo e passaram a se comportar como loucos nas ruas e praças da cidade. Estendiam as mãos aos céus com muito medo e impotência, e gritavam em lágrimas sem cessar, em diferentes línguas: "Poupa-nos, Senhor, poupa o teu povo." Daí por diante, sobreviventes remidos reuniram-se na igreja central de São Pedro, milagrosamente intocada pelo violento tremor do solo, e abjuraram a busca pelo prazer mundano. Assim como o Tesouro da Sabedoria foi fundado, a nossa biblioteca também foi por Janny Linhares, cujo, sofreu no dia com "A Mudança da Biblioteca Comunitária".

#### EXPEDIENTE

O TEXTO – é da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº 09, Vila Dois Rios. Ilha Grande, RJ.